



GUIMARÃES, Ana Maria de Mattos; KERSCH, Dorotea Frank (orgs.). Projetos didáticos de gênero na sala de aula de língua portuguesa. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2012.

Nádia Ferreira de Faria **BRAGA**¹

A partir dos anos 1990, com a publicação dos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCN), a educação brasileira ganha um novo instrumento a caminho de diretrizes educacionais que propiciem subsídios à elaboração e reelaboração de currículos, tendo em vista um trabalho pedagógico que valorize as necessidades e as especificidades de cada indivíduo e de cada realidade. Com uma proposta abrangente, os PCN expressam o empenho em criar laços entre ensino e sociedade. Mesmo após anos de sua publicação, não se notavam mudanças importantes, ainda que mudanças em concepções apenas, no cenário do ensino de língua portuguesa. É exatamente nesse cenário que as autoras Ana Maria Guimarães e Dorotea Kersch se inquietaram e começaram a pesquisa que originou o livro *Projetos didáticos de gênero na sala de aula de língua portuguesa*.

Ana Maria de Mattos Guimarães é Doutora em Linguística Aplicada, professora titular do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), coordenadora do Projeto "Por uma formação continuada cooperativa para o desenvolvimento do processo educativo de leitura e produção textual escrita no Ensino Fundamental". Dorotea Frank Kersch é Doutora em Filologia Românica, professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e pesquisadora associada do mesmo projeto.

A obra se divide em dois momentos: nos primeiros capítulos, várias autoras tratam sobre a organização do projeto "Por uma formação continuada cooperativa para o desenvolvimento do processo educativo de leitura e produção textual escrita no Ensino Fundamental" ligado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Unisinos e sobre a didatização dos gêneros. No segundo momento, encontramos relatos de experiências dos professores

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Endereço eletrônico: nadiaferreiradefaria@yahoo.com.br.

participantes com a construção dos Projetos Didáticos de Gêneros (PDG). No livro encontramos onze capítulos, dos quais quatro compõem a primeira parte e sete, a segunda. Essa divisão, contudo, não está demarcada no livro, sendo possível percebê-la apenas na leitura da obra.

Nos quatro primeiros capítulos, as autoras Ana Maria Mattos Guimarães, Dorotea Frank Kersch, Alessandra Preussler de Almeida e Jaqueline Inês Schmitt de Oliveira apresentam considerações sobre o ensino de linguagem, abordando os objetivos dessa disciplina na escola, a importância dos gêneros textuais, bem como resultados de pesquisas nessa área, que contribuíram com o projeto de pesquisa de Guimarães e Kersch. Apoiadas em uma pesquisa elaborada por Neves (2002), Guimaraes e Kersch afirmam que, em relação ao ensino de língua portuguesa, 100% dos professores estavam insatisfeitos com sua prática educativa e desacreditados de suas metodologias. Apesar dos avanços de pesquisas na área e após alguns anos de publicação dos PCN, os professores de língua materna não haviam incorporado – ou mesmo compreendido – a proposta do trabalho com gêneros.

Diante de tantas indagações, o livro mostra uma maneira interessante de promover a interação entre o dizer e o fazer. Busca-se romper os muros entre universidades e escolas, ou seja, diminuir a distância entre a academia e o professor de educação básica. Para vencer as barreiras que naturalmente existiam, pensa-se um processo de formação continuada cooperativa, no qual o letramento acadêmico de formadores interaja com as práticas sociais dos professores. A partir disso, foi criado no grupo de estudos da universidade a “Comunidade de Indagação”, que visa a problematizar a prática escolar e refletir sobre ela. Tal comunidade convida o professor a refletir sobre sua prática e a investigar o processo de construção de conhecimento de seus alunos. Dessa forma, o docente torna-se também um pesquisador, característica importante para sua prática.

Para as autoras, o professor que aceita o desafio de trabalhar de forma colaborativa numa pesquisa liderada por professoras ligadas à academia é um profissional que quer fazer a diferença e que se sente desafiado a inovar a sua prática. É o que se chama de protagonismo docente. Segundo elas, há que se quebrar o paradigma sócio cultural tradicional de que o magistério é um dom. Por se tratar de uma profissão, exige conhecimento, estudo e formação continuada. Para elas, a academia precisa ver no professor de educação básica um colaborador, assim como este também deve ver o pesquisador como um aliado em sua prática. Nesse sentido, a comunidade de indagação tem sido fundamental, pois trabalhar com pesquisa colaborativa é colocar o foco da investigação no processo.

Em suas discussões sobre o trabalho com os gêneros, as professoras mostram que não se deve ensinar o gênero “puro”, suas características e regras, mas sim fazer os alunos se

apropriarem dele para agir com eficiência nas práticas sociais. Ao iniciar um trabalho em determinada sala, o professor deve mapear qual é o lugar, a comunidade e quem são os alunos, para depois pressupor quais os gêneros necessários às suas práticas. Para Guimarães e Kersh, o docente não deve ficar preso somente à gramática, mas, diferentemente, deve valorizar o trabalho com leitura e escrita de textos e, para isso, lançar mão de aspectos gramaticais. Dessa forma, o trabalho com reflexão linguística adquire sentido. O trabalho de produção textual deve estimular a reflexão sobre as características e funções discursivas de cada gênero para que o aluno seja capaz de empregá-lo com adequação nas situações de interação verbal.

Vale destacar que as autoras aliam-se à perspectiva teórico-metodológica do Interacionismo Sociodiscursivo² (ISD), para o qual, na escola, ganham destaque as sequências didáticas (SD) com a preocupação de desenvolver as capacidades de linguagem dos alunos, necessárias para a compreensão e para produção dos gêneros em situações comunicativas concretas. Entretanto, as autoras aliam as SD aos PDG, uma vez que a comunidade de indagação não queria incorrer no possível erro de artificializar os gêneros, tratando-os como estruturas linguísticas; sendo assim, os PDG envolvem uma perspectiva interacionista, que promove a circulação dos textos, trazendo a cena comunicativa para a escola, não dispensando as SD para a apropriação dos gêneros, mas ampliando a noção discursiva embutida neles. Guimarães e Kersch ainda enfatizam que os PDG sofreram influência dos projetos de letramento (KLEIMAN, 2000; 2007; KLEIMAN, CANICEROS e TINOCO, 2013), que concretizam, na escola, as práticas sociais de leitura e escrita.

Após os quatro primeiros capítulos, o livro traz os relatos de experiências dos professores participantes do projeto de pesquisa. Várias atividades foram desenvolvidas com turmas do ensino fundamental em quatro escolas de Novo Hamburgo/RS. Nesta parte da obra, as organizadoras contam com a colaboração dos professores participantes da comunidade de indagação para escrita dos capítulos, descritas abaixo.

No primeiro deles, Cátia Fronza relata sobre sua investigação acerca da inclusão escolar no município de Novo Hamburgo/RS. Para tal, revela, em sua pesquisa, que entrevistou cerca de 12 professores de escolas municipais, considerando como item de avaliação o atendimento a alunos com necessidades especiais. O estudo em andamento concluiu, a priori, que, baseado nas falas dos professores entrevistados, tal atendimento ainda é uma preocupação presente.

No capítulo seguinte, encontramos o relato da professora Lisiane da Costa que discorre sobre letramento, sobre o trabalho com a leitura e escrita e, ainda, sobre o projeto didático que desenvolveu com o gênero fábula. Interessante, nesse capítulo, foi a relação estabelecida pela

² Cf. Bronckart (1999, 2006, 2010) e Dolz e Schneuwly (2004)

professora entre dois gêneros, uma vez que o trabalho com o gênero fábula proporcionou o desenvolvimento de um novo PDG com o gênero panfleto. Tal conexão se deu a partir do tema meio ambiente que relacionou a fábula que estava sendo estudada – *O caminho para o Vale Perdido* – ao trabalho de conscientização ambiental através de panfletos.

Dando continuidade, deparamo-nos com o relato da professora Deise delSent que, valorizando a fala de seus alunos sobre a realidade em que vivem, descrentes de aspectos positivos da comunidade, chocados com histórias de assassinato, violência e tiroteios, desenvolveu um projeto didático com narrativas de detetive. A autora aponta para um grande avanço dos alunos que se mostraram interessados e participativos, o que demonstra que um trabalho situado e significativo permite um maior envolvimento dos alunos.

No quarto capítulo desta segunda parte, o professor Carlos Bach relata sua experiência de trabalho com gênero folder. Na ocasião, o professor pode perceber o interesse dos alunos por comerciais televisivos e aliou tal interesse a um gênero de publicidade escrito.

No capítulo seguinte, temos o relato da professora Andreza Formento, sobre seu projeto didático com o gênero ladainha de capoeira. Durante este trabalho, foi possível fazer um projeto interdisciplinar entre os professores de História, Artes e Ensino Religioso.

Continuando a leitura, encontramos o relato da professora Sharon Kist sobre o trabalho com o gênero diário. No desenvolvimento do projeto, a professora levanta o debate sobre gênero e suporte e defende o diário como um gênero. A partir disso, tem a oportunidade de trabalhar a questão de gêneros feminino e masculino, pois os alunos da sala previamente afirmaram que “diário é coisa de menina...”. Durante o desenvolvimento do trabalho, esse paradigma foi quebrado e o estudo foi bastante rico.

Para finalizar, temos o relato da professora Vanessa D. Pires que desenvolveu um projeto didático com o gênero letra de música, abordando mais especificamente o funk carioca. A professora teve oportunidade de aprofundar diversas questões relacionadas ao tema, tais como violência, banalização do sexo, gírias e preconceito e contou com o envolvimento pleno dos alunos.

A obra *Projetos didáticos de gênero na sala de aula de língua portuguesa* atende o objetivo de contribuir para a formação de professores de língua portuguesa, na medida em que rompe a distância existente entre a universidade e a escola. Ao propor as comunidades de indagação, as pesquisadoras estão, na verdade, convidando os professores de educação básica a participarem desse processo de pesquisa a fim de desenvolver uma formação continuada participativa que caminhe em busca da qualidade da educação brasileira.

A proposta de projetos didáticos de gêneros, aliada às sequências didáticas, algo já bastante difundido na linguística aplicada brasileira vem trazer aos professores e formadores, uma nova possibilidade de trabalho com os gêneros textuais, relacionando-os ainda mais às questões discursivas e à circulação real dos textos. Nesse sentido, é obra indicada aos alunos de graduação e profissionais do ensino que buscam uma ruptura com um ensino de gêneros ainda artificializado.

O livro cumpre com seu objetivo de chamar os professores à uma reflexão acerca do trabalho com os gêneros textuais e é leitura recomendável a docentes e estudantes não só da área de linguagem, mas também, como nos mostram as autoras, de todos aqueles que estão comprometidos com sua prática pedagógica e buscam um conhecimento reflexivo.

Referências

- BRONCKART, Jean Paul. *Atividade de Linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Educ, 1999.
- _____. Entrevista sobre Interacionismo Sócio-discursivo. *ReVEL - Revista Virtual de Estudos da Linguagem*. n. 6, ano 4. 1-30, 2006.
- _____. Gêneros de textos, tipos de discurso e sequências. Por uma renovação do ensino da produção escrita. *Revista Letras*, Santa Maria, v. 20, n. 40, p. 163–176, jan./jun. 2010.
- KLEIMAN, Angela. O processo de aculturação pela escrita: ensino da forma ou aprendizagem da função? In: KLEIMAN, Angela; SIGNORINI, Inês (orgs.). *O ensino e a formação do professor: alfabetização de jovens e adultos*. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- _____. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Revista Signo*, Santa Cruz do Sul. v. 32 n. 53, p. 1-25, dez, 2007.
- KLEIMAN, Angela; CANICEROS, Rosana C.; TINOCO, Glícia. Projetos de letramento no ensino médio. In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia. *Múltiplas linguagens para o ensino médio*. São Paulo, Parábola, 2013.
- SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas, Mercado de Letras, 2004.

Chegou em: 25-08-2015

Aceito em: 16-11-2015